

**MEMORIAL DESCRITIVO: O OFÍCIO DA DOCÊNCIA E O INGRESSO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO: ENCONTROS, PARTILHAS E APRENDIZADO**

***DESCRIPTIVE MEMORIAL: LA PROFESIÓN DOCENTE Y EL INGRESO A LA  
FACULTAD DE EDUCACIÓN: ENCUENTROS, INTERCAMBIO Y APRENDIZAJE***

***MEMORIAL DESCRIPTIVE: THE PROFESSION OF TEACHING AND THE  
ENTRANCE TO THE FACULTY OF EDUCATION: MEETINGS, SHARING AND  
LEARNING***



Amone Inácia ALVES<sup>1</sup>  
e-mail: amone\_alves@ufg.br

**Como referenciar este artigo:**

ALVES, A. I. Memorial descritivo: o ofício da docência e o ingresso  
faculdade de educação: encontros, partilhas e aprendizado. **Rev.  
Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 14, n. esp. 2, e024031, 2024.  
e-ISSN: 2237-258X. DOI: 10.30612/eduf.v14iesp.2.19716



| Submetido em: 11/06/2024  
| Revisões requeridas em: 13/07/2024  
| Aprovado em: 15/08/2024  
| Publicado em: 30/12/2024

---

**Editora:** Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

**RESUMO:** O presente artigo visa reconstituir a minha vida acadêmica até o ingresso na Faculdade de Educação como docente, em um momento festivo, em que a IES comemora os cinquenta e cinco anos de formação de professores e professoras. Essa escrita advém de um memorial realizado no ato de ingresso no Concurso Público na FE. Nesse sentido, a contribuição desse texto é contextualizar como as escolhas acadêmicas vieram ao encontro do trabalho que desenvolvo na atualidade. Trata-se de um relato autobiográfico, ao qual insiro a minha trajetória a partir das concepções de *habitus* e *campos* em Pierre Bourdieu, que foi o pioneiro com a obra “Esboço de autoanálise” (2005), que inspirou muitos leitores a dedicar-se às autobiografias. Então, a questão que move nesse texto é em torno dessas questões: formação, ofício e docência.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Habitus. Campo. Docência.*

**RESUMEN:** *Este artículo pretende reconstruir mi vida académica hasta que me incorporé a la Facultad de Educación como docente, en un momento festivo, en el que el IES cumple cincuenta y cinco años de formación del profesorado. Este escrito proviene de un memorial realizado en el momento de la admisión al Concurso Público en FE. En este sentido, el aporte de este texto es contextualizar cómo las elecciones académicas llegaron a encontrarse con el trabajo que estoy desarrollando actualmente. Se trata de un relato autobiográfico, al que inserto mi trayectoria desde las concepciones de habitus y campos en Pierre Bourdieu, quien fue el pionero con la obra “Esbozo de autoanálisis” (2005), que inspiró a muchos lectores a dedicarse a las autobiografías. Entonces, la pregunta que se mueve en este texto gira en torno a estos temas: formación, oficio y enseñanza.*

**PALABRAS-CLAVES:** *Habitus. Campo. Enseñanza.*

**ABSTRACT:** *This article aims to reconstruct my academic life until I joined the Faculty of Education as a teacher in a festive moment, in which the IES celebrates fifty-five years of teacher training. This writing comes from a memorial made at the time of admission to the Public Competition at FE. In this sense, the contribution of this text is to contextualize how academic choices came to meet the work I am currently developing. It is an autobiographical account, to which I insert my trajectory from the conceptions of habitus and fields in Pierre Bourdieu, who was the pioneer with the work “Sketch of Self-Analysis” (2005), which inspired many readers to dedicate themselves to autobiographies. So, the question in this text concerns these issues: training, craft, and teaching.*

**KEYWORDS:** *Habitus. Field. Teaching.*

## Introdução

“Compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez” (Pierre Bourdieu, 2005).

O objetivo deste texto é relatar as escolhas profissionais que convergiram e ainda convergem para o momento de atuação. No entanto, conforme assinala Bourdieu, nenhuma escolha é neutra ou feita ao acaso; ela faz parte de uma estrutura maior que nos induz a pensar a partir de um estado de coisas. Esse pensamento, por alguns interpretados como parte de predestinações, nada mais é do que especificidades advindas do *campo* no qual estamos inseridos e que nos empurram para essas escolhas.

Nesta escrita, pretendo descrever minha participação ao longo da vida em diferentes *campos*<sup>2</sup>, como recebi deles, em distintos momentos, direcionamentos diversos, e como foi se construindo o *habitus de professora*<sup>3</sup> e, sobretudo, de partícipe do mundo da educação. O objetivo é, ainda, mostrar os pressupostos teóricos e formativos que acredito serem preponderantes para a minha habilitação no ingresso ao magistério superior público, nas Licenciaturas. Mostrarei como o meu amadurecimento teórico e intelectual me aproximou, por meio de uma familiarização próxima, da disciplina Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação, bem como o diálogo multidisciplinar com as demais disciplinas do curso, que marcaram minha entrada na Faculdade de Educação, em 2011.

Para tornar didática a exposição<sup>4</sup>, destacarei três elementos considerados essenciais. O primeiro deles refere-se ao meu ingresso no *campo da educação* e como dele adquiri o *habitus* que me permitiu a entrada no ensino. O segundo diz respeito a como lidei, ao longo dos anos, com a ação docente e os espaços educacionais em que atuei. Por fim, no terceiro momento,

---

<sup>2</sup> A Teoria da Práxis compreende como *campo* o espaço no qual os agentes se movimentam, tendo posições previamente estabelecidas. A partir desta compreensão, pode-se pensar que esses agentes em questão possuem interesses específicos no espaço social, que em determinado momento, passam a ser objeto de luta concorrencial em torno de um propósito comum.

<sup>3</sup> “Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente regulamentadas e reguladas sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha a necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro”(Bourdieu, 1999).

<sup>4</sup> Busquei não trabalhar por partes, por acreditar que esses três momentos complementam a minha trajetória tanto pessoal como profissional.

destacarei como tenho percorrido o *campo científico* e, dele, construído um capital cultural que me possibilita atuar em diferentes áreas do saber.

### **Escolhas profissionais: o *habitus* de professora**

A história da minha vida coincide com a entrada da minha mãe no *campo da educação*, pois na época do meu nascimento, ela ingressou no ensino público, via concurso, tornando-se professora de Língua Portuguesa, já que possuía licenciatura curta em Letras. Dessa forma, o ambiente escolar sempre fez parte das minhas expectativas profissionais e nada seria mais natural do que a escolha por uma licenciatura que viesse ao encontro dos meus anseios mais pueris.

Estudei grande parte da vida em escola pública, fazendo com que tivesse, ao longo dos anos, contato com diferentes realidades de pobreza. Certamente, poucos colegas da infância deram segmento à escolarização, pois foram desde cedo obrigados ao trabalho no comércio e na indústria. Outros desistiram, pois foram desestimulados a estudar nas escolas sem qualquer infraestrutura que lhes interessasse.

Isso porque, naquele período, a censura imposta pelo governo militar, era visível nos conteúdos que nos eram oferecidos, sendo cerceada a liberdade de pensar criticamente além do que era exposto nos livros didáticos, sob forte supervisão. Lembro-me da ênfase dada aos conteúdos de Educação Moral e Cívica, EMC, Organização Social e Política Brasileira, OSPB, dentre outras disciplinas que mostravam um Brasil promissor e desenvolvido, em detrimento dos problemas que assolavam a realidade brasileira.

A abordagem dos conteúdos visava à reprodução automática, por um lado “acomodando” a ideologia capitalista em curso e, por outro, capacitando a mão de obra para o trabalho alienado. Tratava-se de uma divisão social de ideias que *dicotomizava* os pensantes e os trabalhadores em geral. Em alguns momentos, fugíamos dessa reprodução, rediscutindo a postura de nossos professores, o nosso próprio modelo de ensino e a nossa perspectiva de vida em agremiações estudantis ou mesmo em partidos políticos, ainda que com muita repressão desprendida. O que destoava daquele momento tenso eram as “aulas” que deveríamos ministrar a fim de socializar os conteúdos que aprendíamos em grupo. Essas memórias vêm à minha mente de forma prazerosa, destacando o fato de que dar aulas é lembrado como o melhor daquela época.



O *campo econômico* também exerceu uma forte influência sobre a minha escolha profissional. Na ocasião do término do ensino fundamental, o espaço de trabalho para quem viesse da classe trabalhadora, estava intimamente ligado ao chamado ensino profissionalizante. Vale ressaltar que, naquela época, o país estava saindo da ditadura militar, e isso significava o total desmantelamento do ensino médio, com a criação dos chamados cursos técnicos. Para os filhos de trabalhadores, cabia uma perspectiva de escola que também os tornasse trabalhadores medianos, sem qualquer perspectiva de ingresso nas universidades, consideradas, até então, como lugar de ricos.

Foi nessa perspectiva que, no ensino médio, cursei o chamado magistério. No entanto, apesar das limitações impostas, interessei-me principalmente pelas disciplinas da área de humanas — História, Sociologia e Antropologia —, dedicando-me intensamente a elas. A efervescência política também contribuiu para esse interesse, levando-me a refletir sobre as circunstâncias sociais e históricas do país.

A leitura do material proposto por essas disciplinas fez com que exercesse uma militância política, participando, desde a antiga 5ª série, de grêmios escolares e de partido político. Participei ativamente da criação do Partido dos Trabalhadores (PT) na minha cidade natal, Vitória da Conquista, tornando-me um membro do partido por muitos anos. Os anos oitenta foram marcantes quanto às demandas sociais pela redemocratização. Em Conquista, participávamos de passeatas contra a ditadura e a presença *Carlista*<sup>5</sup> no domínio da Bahia. O primeiro movimento social a que tive acesso se deu em 1985, na época da criação do Grêmio Estudantil. Naquele momento, era visível a incongruência de um sistema político que cerceava os direitos políticos. Na Bahia, o momento era acompanhado de uma forte reivindicação por conta de movimentos populares, como negros, mulheres e trabalhadores que participavam de reuniões que falavam do Novo sindicalismo. Uma época de grandes questionamentos também presentes na música, na expressão do teatro do oprimido e em outras manifestações sociais. Participei de alguns movimentos populares em defesa da Escola Pública e do acesso de todos a um Ensino de Qualidade.

A determinação da classe era preponderante para a escolha do ensino superior. Os cursos de elite eram Medicina, Engenharia e Direito. Caberia à classe trabalhadora as licenciaturas, por diversos motivos. O primeiro deles referia-se ao fato de que esses cursos eram normalmente

---

<sup>5</sup> Refiro-me à ação política exercida por Antônio Carlos Magalhães, presidente do PDS Baiano na época e líder da política conservadora do estado.

ministrados no período noturno, sendo conveniente para quem precisasse trabalhar. O segundo motivo, mais grave, a meu ver, era que os concursos vestibulares eram a expressão clara dessa seleção classista, cuja cobrança excessiva só era exitosa para quem tivesse cursado os melhores cursinhos.

Esse mesmo *campo econômico* acabava impulsionando os mais pobres o espaço escolar. Daí a procura pelas licenciaturas. No meu caso específico, fui cursar História na universidade estadual local, pelo fato de que, ao término do ensino médio, fui aprovada no concurso para professora da prefeitura da minha cidade, trabalhando em tempo integral. Como História era curso noturno, e havia uma forte predisposição para a área de Humanas, como já citado anteriormente, resolvi cursar.

### **A ação docente e os espaços de atuação**

Já como estudante do ensino superior e, apesar da pouca experiência de vida, compreendia que meu futuro, àquela altura dos acontecimentos, estaria de alguma forma relacionado à atitude questionadora e à atividade docente. Quando entrei na universidade, já ministrava aulas há pelo menos quatro anos no ensino infantil, da primeira à quarta série do ensino fundamental. Na universidade, como militante petista, estabeleci contatos com o sindicalismo rural, desenvolvendo uma sensibilidade suficiente para compreender a importância de sua luta. Aos poucos, ingressei no movimento pela Reforma Agrária, atuando, sobretudo, no recém-criado Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Naquele momento, utilizava como referência teórica o materialismo histórico, orientando-me principalmente por uma literatura marxista voltada ao estudo de categorias de análise da sociedade, ideologia e poder. Essa leitura possibilitou um maior envolvimento com as causas políticas e sociais. Assim, a militância política representava um exercício teórico-prático desses conceitos.

Quando ingressei no serviço público como professora concursada, comecei a dar aulas em uma escola do interior, onde, além das atividades como docente do ensino fundamental, desempenhava diversas funções relacionadas ao lazer. Interessavam-me as *mediações* realizadas com as crianças, pois elas representavam um processo de autoconhecimento e de compreensão da realidade que as cercava. As brincadeiras e os jogos não tinham apenas um

caráter recreativo, mas também um papel fundamental na descoberta e na reflexão sobre o significado cultural.

Por conta dos trabalhos desenvolvidos nos encontros de movimentos populares e das leituras realizadas, fui despertando, aos poucos, para as dificuldades enfrentadas por meus alunos devido à precária situação de vida a que eram submetidos, o que se refletia na baixa aprendizagem e na falta de motivação para frequentar a escola. Assim, os jogos desenvolvidos em sala de aula tornavam-se um atrativo essencial para o espaço escolar, que pouco se adaptava à realidade daquelas crianças.

Ao mesmo tempo que exercia a docência, como universitária e militante da educação, agreguei à minha vontade de lecionar uma nova perspectiva como educadora: aprendi a lidar com a pesquisa e a desenvolvê-la. Minha monografia de conclusão de curso abordou o surgimento e a educação dos trabalhadores nos assentamentos do MST em Vitória da Conquista (Bahia). Naquela época, nos anos 1990, tive contato com diversas lideranças do MST, tanto regionais quanto nacionais. Convivi com os assentados durante meses em uma pesquisa-ação, auxiliando-os sempre que necessário em suas demandas na cidade e atuando na perspectiva de uma mobilização popular pela educação rural.

Nos quatro anos de universidade, em nenhum momento abandonei a atividade em sala de aula, tampouco fui displicente em relação à pesquisa. Participei de diversas disciplinas e congressos, seja como estudante ou como militante político-partidária, representando as escolas em que trabalhava e a universidade. Nessas ocasiões, agreguei ao meu repertório teórico os textos de Piaget, Vygotsky, Makarenko e Gramsci, não apenas os voltados à minha área de formação, História. Interessei-me ainda mais por outras áreas e por sua relação sócio-histórica com o processo de ensino-aprendizagem que eu conduzia na condição de professora ou percebia enquanto aluna.

Alguns encontros foram fundamentais para minha formação, sobretudo os debates sobre a Reforma Universitária e a questão agrária. Já naquela época, vislumbrava meu interesse por estudar temas sociais e buscar alternativas que viabilizassem a transformação da sociedade brasileira por meio da educação.

Além desses encontros, a militância no PT permitiu-me acompanhar os processos educativos voltados à formação de lideranças de base, não apenas ministrando cursos, mas também acompanhando a aplicação do ideário de Paulo Freire na educação popular e de adultos.

## O ingresso como docente no ensino superior

Após concluir a graduação, mudei-me para Curitiba e ingressei em um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ciência Política. Meu interesse pela habilitação ao magistério superior e pelos pressupostos políticos possibilitou-me aprofundar os estudos em todo o arcabouço teórico inserido nas discussões sobre sociedade e poder. Nessa época, iniciei minha trajetória como professora no ensino superior, lecionando em uma instituição particular, as Faculdades Plácido e Silva, nos cursos de Economia, Educação Física e Administração, ministrando a disciplina Introdução ao Pensamento Social.

É importante lembrar que, naqueles anos, em meados de 1996, a reforma universitária no Brasil, impulsionada por ideólogos do pensamento neoliberal, começou a ser implementada, resultando na ampliação do ensino privado em detrimento do público. A universidade em que trabalhava expandia sua atuação para outros *campi*, o que, de certa forma, também ampliou meu campo de trabalho, permitindo-me atuar como docente em outras disciplinas, como Sociologia, Antropologia e Sociologia Aplicada ao Esporte, à Saúde e à Administração.

Essas disciplinas tinham em comum o fato de que, como professora, tentava despertar nos alunos uma visão crítica da realidade, dentro de uma perspectiva de confronto, coisa a que eles não estavam acostumados. Realizamos, em várias edições, seminários temáticos, destacando temas, como: A violência da mulher, Crianças de Rua, O corpo como Escultura. Gostaria de destacar a minha participação nesses seminários, que me permitiu conhecer outras dimensões do corpo, na sua produção capitalista de consumo. Esses conhecimentos e experiências permitiram-me participar de estudos culturais do núcleo sobre Gênero na Universidade Federal do Paraná, coincidente ao ingresso no Mestrado.

Curitiba abriu-me as portas para uma realidade de pesquisa muito maior. Avaliando o meu percurso, percebo hoje que como aluna do Programa de Pós-Graduação em Sociologia das Organizações, tive acesso a uma vasta literatura que em muito contribuiu para a minha formação, como: Mafesoli, Castels, Foucault, dentre outros. O meu orientador, Dr. Oswaldo Heller da Silva, inseriu-me nas leituras sobre Pierre Bourdieu, autor em que embaso as minhas reflexões até hoje.

O olhar sobre a Sociologia e a Antropologia, sobretudo a etnografia proposta por Pierre Bourdieu, seduziu-me aos poucos. Foi-me indicada uma literatura bourdieuiana que ainda



desconhecia. Não seria exagero dizer que isso mudou a minha perspectiva teórica como um todo.

Aos poucos, fui delineando a minha área de interesses, vindo a desenvolver como tema da dissertação de Mestrado: *O Processo de Formação de Lideranças Sindicais do Paraná*. Apesar de adentrar em uma linha de pesquisa da Sociologia, o enfoque do meu trabalho seguia uma coerência de vida: acompanhar se o processo de formação de lideranças sindicais, que eu vira surgir, estava tomando outros caminhos, a fim de compreender o cotidiano dos trabalhadores. Objetivava perceber os rumos do “novo sindicalismo” e se esse se aproximava da formação das lideranças, as quais via a ascensão nas mídias. Na mesma época, realizei pesquisas no Norte do Paraná, identificando personagens que participaram da constituição da CUT no Estado. Muitos deles tinham uma origem rural que me interessava entender. Ainda que não fosse o meu foco de pesquisa, gravei horas de conversas que pretendia em outro momento utilizar em trabalhos na área, utilizando a técnica da história oral.

Essa convivência com o ambiente de pesquisa ampliou meu entendimento sobre a sociedade, especialmente no contexto rural, as relações de sociabilidade exercidas e os saberes populares construídos por sujeitos históricos ao longo de suas vidas.

Como professora, o universo da pesquisa fez-me enxergar a necessidade de considerar as diferenças entre práticas sociais que transformavam a sala de aula em um espaço de possibilidades, no qual o conhecimento social não estava pronto e acabado, mas deveria ser construído por meio da problematização, da consequente instrumentalização e, por fim, da construção de sínteses. Compreendi a importância do professor como mediador na construção de novos elementos perceptivos do conhecimento.

Nesse processo, empenhei-me em romper com a visão tradicionalista de educação, apoiando-me sempre na perspectiva de ser mediadora do conhecimento, conduzindo os alunos na construção de sua própria aprendizagem.

Sem dúvida, as leituras sobre a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido, aprofundadas no mestrado, deram-me uma outra visão do que significava ensinar e aprender. Percebia, nas leituras, no convívio com a gente simples do interior do Paraná e nas minhas aulas, a possibilidade de fazer da sala de aula um espaço diferente, fazer de cada aula um novo aprendizado. Vale ressaltar que naqueles anos, início da minha atividade docente no ensino superior, as opções de faculdades privadas eram muito limitadas, pois além de serem

caras, eram extremamente discriminadas pela comunidade acadêmica, ainda que se vislumbrasse o terreno da expansão do ensino.

Tínhamos um público muito variado de alunos cujo perfil era: masculino, tendo poucas mulheres em cada sala, poder aquisitivo regular que possibilitava continuar estudando, salas lotadas, heterogeneidade de idades e formações (muitos vinham de cursos técnicos de segundo grau variados). Poucos deles tinham uma origem rural, o que denotava um insuficiente preparo das escolas para com as pessoas do campo, de modo que elas chegassem às universidades. A maioria dos nossos alunos eram professores do Estado e Município, que se viam obrigados a ter o ensino superior como condição de empregabilidade.

O primeiro desafio com aqueles alunos foi no sentido de contribuir para uma visão menos pragmática do ensino e da sociedade, abrindo a aula para a crítica e novas percepções da realidade. Outro aspecto relevante daquele momento é que passei a estudar a legislação educacional e participar de projetos de criação de cursos e abertura de novas instituições de ensino, integrando comissões de abertura de várias faculdades privadas, ministrando as Sociologias e Antropologias. Aos poucos, fui delimitando o meu campo de atuação nessa área, o que motivou novas formações.

Ao término do mestrado, pensava em participar da seleção do doutorado em Ciências Sociais; contudo, ao mudar para Goiânia, em 1999, tracei a minha trajetória como professora na Universidade Católica de Goiás, atuando nos cursos de Serviço Social e Administração, com as disciplinas: Sociologia, Sociologia Brasileira e Sociologia Aplicada. Naquele ano, ingressei no grupo de estudos de gênero daquela instituição.

Com experiência acumulada, ajudei a organizar vários eventos, destacando-se um deles, que consistiu em uma experiência riquíssima: os Encontros de Iniciação Científica. Neles, além de participar da comissão julgadora de trabalhos, apresentei pesquisas que realizava na época sobre Projetos de Trabalho, Ciência, Apropriação e Objetivação. Orientei vários alunos em seus projetos, advindos de diversos cursos.

Além disso, nos anos seguintes à minha estadia em Goiás, participei de alguns processos de consultoria educacional na área de pesquisas de campo, envolvendo análises que iam desde o Plano de Desenvolvimento Institucional até Avaliações Internas, dedicando-me ao estudo do provão e das comissões avaliadoras. Ao mesmo tempo, ingressei na Avaliação Externa, atuando como avaliadora de reconhecimento de cursos, atividade que me permitiu conhecer outras realidades de Instituições de Ensino Superior (IES) no País.

Devido ao acúmulo de tantas atividades, seis anos separaram o mestrado do objetivo de ingressar em um doutorado. Além disso, assumi outros papéis sociais, como o de esposa e mãe, que exigiram maior dedicação nesse período.

Nos cursos formadores em que atuei, tenho militado por uma educação libertadora que permita a integração do indivíduo à sociedade de forma crítica e participativa. Nesses cursos, lecionei, dentre várias disciplinas, Teorias da Educação e Formação do Pensamento Brasileiro. Também atuei como orientadora de monografias de conclusão de curso, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Ao longo desses anos, enviei propostas de artigos para revistas acadêmicas, colaborei com jornais de circulação e confeccionei materiais didáticos para serem trabalhados em sala de aula. Publicações feitas em parceria com os alunos enfatizavam a necessidade de repensar sua formação e o papel como educadores, especialmente nas licenciaturas.

Além das atividades docentes, envolvi-me em outros projetos. Destaco minha participação em pesquisas sobre o Ensino Médio e a Educação do Campo, temas que permeiam minha existência e aprimoram meu olhar sobre a sociedade e a escola.

Em 2006, buscando aprofundar estudos sobre um autor específico, retomei as leituras sobre Pierre Bourdieu, buscando compreender duas questões que ainda me inquietam: a expansão do ensino superior em Goiás e as questões agrárias. Esse retorno aos estudos possibilitou meu ingresso, em 2006, no Programa de Doutorado em Educação, voltando ao estudo dos Movimentos Sociais. Defendi a tese intitulada: *Quem deu à luz: A CPT e a formação de trabalhadores rurais em Goiás*, sob a orientação do Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa.

No Programa de Doutorado, dediquei-me a diversas disciplinas, com enfoques variados. Participei ativamente do Núcleo de Estudos Rurais, coordenado pelos professores Dr. Jadir Moraes Pessoa e Dr. José Adelson da Cruz, realizando pesquisas sobre educação rural e a ruralidade na perspectiva dos estudos culturais.

O ingresso na Faculdade de Educação (FE), em 2011, como docente, foi um divisor de águas na minha vida. Ao longo desses treze anos, além das aulas ministradas em diversas licenciaturas na universidade, dediquei-me à gestão, atuando como coordenadora (2014-2018) e vice-diretora (2018-2022). Atualmente, atuo na gestão universitária como Diretora de Acompanhamento e Desenvolvimento da Docência na Pró-Reitoria de Graduação.

A disciplina *Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação* tem proporcionado ricas trocas e aprendizados com diversas licenciaturas, como Ciências

Biológicas, Geografia, Enfermagem, Química, Física, História, Matemática, Ciências Sociais e Pedagogia. Esse espaço tem me permitido dialogar com experiências educacionais para além da escola, ampliando minha formação inicial.

Ao longo dos anos, dediquei-me a pesquisas com projetos como *Secretários da Instrução Pública em Goiás*, *O ensino médio nas escolas do campo em Goiás: concepções, práticas e projetos formativos* e *Educação/Universidade: desafios e alternativas no domínio da técnica*. Além dessas pesquisas, tenho me debruçado sobre as causas da evasão escolar nas licenciaturas.

Desde 2018, atuo no Programa de Pós-Graduação em Educação, investindo na formação continuada de docentes e abordando temáticas como formação, trabalho e movimentos sociais.

O convívio com os colegas da FE também tem sido profícuo quanto aos diálogos, à participação em conselhos e colegiados, a organização de eventos e à vivência na gestão democrática. Tem sido um lugar onde aprendo muito com pessoas que produzem conhecimento e militância em prol de outra sociedade.

Atuar esses anos todos na FE é vivenciar os sabores e temperos de uma universidade pública: coadunar com os princípios de uma IES pública, gratuita e socialmente referenciada, em um espaço que foi pavimentado por grandes professores e professoras antes de mim que continuam o seu cinquentenário aglutinando diferentes profissionais da educação que se dedicam a essa instituição com afincio e compromisso com essa universidade.

### **Esboçando conclusões**

Este texto foi originalmente escrito como critério para aprovação em concurso público na disciplina *Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação*. Anos depois, percebo que o desafio de ser docente em uma instituição de ensino superior público continua alinhado aos princípios da universidade na qual atuo. Afinal, também sou fruto de uma universidade pública, à qual tenho defendido, contribuindo para a formação de professores e professoras e participando da gestão acadêmica.

Quanto à gestão, defendo que ela seja ocupada por docentes, e tenho me envolvido ativamente, exercendo funções como coordenadora e vice-diretora.

Considero que a FE, além de ser o espaço de vivência do meu ofício de professora, é o lugar onde produzo minha existência como pessoa. Participar desse espaço é essencial para adquirir novos aprendizados sobre formas de luta e resistência.

Por fim, estar ao lado da história com as pessoas que me acompanham é motivo de grande orgulho. Nos próximos anos, que venham novos desafios!

## REFERÊNCIA

BOURDIEU, P. **Esboço de autoanálise**. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



### ***CRediT Author Statement***

---

- ☐ **Reconhecimentos:** Agradeço à Faculdade de Educação pela formação que obtive no doutorado e possibilitou vivências diversas na Instituição. Aos estudantes, com quem divido a experiência do aprendizado, o meu carinho e amor!
  - ☐ **Financiamento:** Não aplicável.
  - ☐ **Conflitos de interesse:** Não aplicável.
  - ☐ **Aprovação ética:** Não aplicável.
  - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Todos os dados informados se encontram disponíveis no artigo.
  - ☐ **Contribuições dos autores:** Conceitualização, visualização, escrita (rascunho original, revisão e edição) são de responsabilidade da autora.
- 

**Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação**  
Correção, formatação e normalização

